
O LUGAR DE RESISTÊNCIA E A DOMINAÇÃO MASCULINA EM *RUÍDOS*, DE LUCI COLLIN

Andiara Maximiano de Moura¹

Resumo: Durante muitos anos, a tradição patriarcal vem marcando a nossa história colocando a mulher em um plano inferior. O silenciamento feminino causou a exclusão social da mulher ao longo da história, devido aos valores patriarcais existentes, que via a mulher com o propósito único de procriação. Ancorado nos pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu (2005), essa pesquisa tem por objetivo realizar uma análise do conto *Ruídos*, da coletânea de contos da autora paranaense Luci Collin, intitulada *Vozes num divertimento* (2008), levando em consideração como se dá a violência simbolicamente presente no discurso da dominação masculina. Busca-se, sobretudo, verificar o modo como a autora vê e representa a questão do gênero, ou seja, o comportamento humano na sociedade contemporânea, bem como o seu lugar de resistência contra a opressão.

Palavras-chave: Representação feminina; gênero; dominação masculina; violência; Luci Collin.

Abstract: During many years, the patriarchal tradition has marked ours history putting women on an inferior plane. The women silence caused the exclusion of women throughout history, due the patriarchal values existing, that saw the women as a sole purpose of procreation. Anchored on theoretical assumptions of Pierre Bourdieu (2005), this research has the objective to realize an analysis of the short story *Ruídos*, from the short stories collection by the author of Paraná Luci Collin, called *Vozes num divertimento* (2008), considering how is violence symbolically present in the discourse of male domination. Seeks, mainly, verify how the author sees and represents the gender issue, or, the human behavior in a contemporary society, as well as its place of resistance against oppression.

Keywords: Feminine representation; gender; male domination; nature; Luci Collin.

¹ Doutoranda da Universidade Estadual de Maringá na área de Estudos Literários; Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2012), no campo dos Estudos Literários; integrante do Grupo de Pesquisa “Literatura de Autoria Feminina Brasileira - LAFEB” da UEM e do “Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea”, da UNB.

A literatura é uma forma fictícia e verossímil de representar, através de seus personagens, a sociedade em questão, ora saciando os desejos implícitos do ser humano, ora criticando as formas de pensar / agir da sociedade. Dessa forma, vivemos na pós-modernidade - aqui compreendida com um conceito ideológico amplo, ancorado na infraestrutura industrial e na globalização, descrevendo expressões populares, comunicações de massa e manifestações em geral - que rejeita as totalidades, os valores universais, as grandes narrativas e os sólidos fundamentos, para dar espaço ao relativismo cultura, ao pluralismo, a descontinuidade e a heterogeneidade (EAGLETON, 2010, p. 27). No que concerne aos estudos de gênero, esse movimento de pensamento contemporâneo tem ocasionado a novas configurações para as relações entre os sexos, integrando a mulher em uma nova ordem social e econômica.

A literatura de autoria feminina vem emergindo neste contexto, propiciando uma subversão nos padrões que regiam a sociedade até então, pois, além de dizer algo, ela também pode falar de outrem. Tendo isso em vista, o objetivo destas reflexões foi fazer uma análise da violência simbólica presente no universo da personagem principal, em um contexto ideologicamente patriarcal. Verificar quais as marcas ideológicas subjazem a construção desses personagens, se reduplicam, questionam ou ironizam as relações do gênero, no contexto do século XXI, foi o nosso objetivo. Trata-se de observar o modo como a autora vê e representa a questão do gênero e sua relação com o meio habitacional. Este trabalho está fundamentado em teóricos da pós-modernidade, bem como pela Crítica Literária Feminista, entre outros que discutem sobre a questão e a problematização do gênero, da representação e da dominação masculina.

Tomamos como objeto das nossas reflexões o conto *Ruídos*, da coletânea de contos da autora paranaense Luci Collin, intitulada *Vozes num divertimento* (2008). Trata-se de uma publicação, de autoria feminina, que representa uma personagem em processo de libertação das mazelas de dominação, demonstrando o modo de ser e estar do sujeito na sociedade.

No meio social, a divisão dos sexos foi aceita por um determinismo biológico implícito, em que os termos do sexo, da diferença sexual, ou até mesmo da sexualidade foram usados para avaliar e criar supostas concepções/colocações. Essa divisão também foi posta como algo que está na “ordem natural das coisas”, que é “normal”, “a ponto de ser inevitável” por sempre estar presente no nosso mundo social, pelo fato de o homem ser sexualmente diferente da mulher (BOURDIEU, 2005, p. 17). Assim, a diferença sexual foi decisiva em todo o âmbito social, intelectual, político e histórico. Nessa divisão hierárquica e oposta das atividades masculinas e femininas, a mulher automaticamente ocupa a posição de rebaixamento.

Ao construir a ideologia patriarcal, o homem determinou posições do gênero, instaurando-se a si mesmo como ponto de referência e posicionando a mulher em um nível de rebaixamento, como sujeito objetificado e subordinado, pois ela era o diferente, o inferior. Essa hierarquia de poder, em que o mais forte domina o mais fraco, existe em todo meio social, funcionando como sistema classificatório, no entanto, claro está que a dominação masculina não é algo natural, que tenha havido desde o início da existência humana, mas sim, uma categoria construída a partir do ponto de vista do dominador, para enfatizar as relações de poder como algo a ser perpetuado por meio das representações de identidades construídas.

As discussões contemporâneas acerca da representação, empreendidas por historiadores, sociólogos e filósofos, caminham quase sempre no sentido de perscrutar as implicações de poder e de dominação que permeiam. O sociólogo Pierre Bourdieu (1998) abaliza que uma das principais problemáticas que abrange a questão da representação se encontra nas imposições e nas lutas pelo monopólio da visão autêntica do mundo social. Isto é, a representação de uma identidade ou coisa redonda, quase sempre, na aparência dela, já que esconde configurações múltiplas, de acordo com os interesses de quem representa, construindo, assim, realidades contraditórias.

Já para o historiador francês Roger Chartier (1990), representar significa dar visibilidade ao outro e, ao mesmo tempo, falar em nome de outro. Trata-se, assim, de empreender dois sentidos aparentemente contraditórios para o conceito de representação: “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é” (p.10). Se o primeiro sentido do termo está relacionado à ideia de falar em nome do outro, o segundo remete à exposição de uma presença ou ao processo que de dar visibilidade ao outro. Isto implica dizer que o primeiro sentido volta-se a representações de vozes hegemônicas que ocultam a diferença, enquanto o segundo sentido volta-se para a exposição destas diferenças. Assim, ao mesmo tempo em que a representação pode ocultar a diferença, ela também pode torná-las visíveis. É nesse segundo sentido que a hipótese que embasa o presente trabalho está assentada, uma vez que, ao perscrutar o modo de representação da personagem na contística de Luci Collin, acreditamos que a personagem feminina que a constitui torna visível a as práticas sociais e perfis de mulher recorrentes na sociedade contemporânea, de acordo com o modo como a autora vê o mundo e as coisas que nele se encontram.

Ao conceituar o discurso, relacionado com o desejo e o poder, o filósofo Frances Michel Foucault (2001) nos explicita o modo como as “verdades” são construídas, permeando os limites entre o real e a ficção, permitindo a análise da representação dos seres e das coisas pela linguagem. As práticas discursivas e os poderes que as permeiam ligam-se a uma ordem imposta, assegurando a uns o direito de falar, enquanto outros são silenciados. O sujeito que fala é permeado de poder, devido ao lugar que ocupa na sociedade, de acordo com sua classe, raça, referentes, sexualidade, que o define como o centro. No âmbito da arte literária não era diferente. Até meados do século passado, os discursos dominantes, originário de visões androcêntricas, vinham de espaços privilegiados de expressão, silenciando menores.

Na história, foi somente em meados do século XX que toda esta discriminação feminina chamou a atenção de muitos estudiosos e intelectuais em geral, que passaram a atuar como agentes de um discurso crítico, voltado para a conscientização e desconstrução da opressão e marginalização da mulher.

A Crítica Feminista facilitou a visibilidade da literatura feminina. A mulher passou a ser vista não apenas como uma personagem que compunha a literatura masculina, mas também como participante na produção crítica e literária. A posição marginalizada da mulher ainda chama muito a atenção das mulheres contemporâneas, que, nos últimos anos, tentam construir identidades femininas extinguidas.

No que diz respeito ao objeto de pesquisa deste trabalho, a coletânea de conto *Vozes num divertimento* foi publicada em 2008, e pode-se perceber que nela Luci Collin trabalha

com as diversas posições da mulher do século XXI, mostrando em suas personagens a multiplicidade de identidades femininas que compõe a sociedade contemporânea. Já o conto *Ruídos* apresentará, de forma simbólica, como se deu a subversão das relações do gênero feminino, na ideologia patriarcal.

A não marcação de gênero é uma das características da escrita de Luci Collin, em que o leitor precisa, a partir das ações e falas dos personagens, inferir o sexo que acredita ser o cabível dentro das margens que o texto nos oferece. Então, primeiramente, observa-se que não há marcação de gênero masculino ou feminino durante a narrativa. Isso devido ao fato de que a distinção de gênero não é algo primordial. Todavia, é a partir do discurso do(a) narrador(a) que o leitor pode inferir se tratar de um conflito ocorrido entre dois sujeitos, pois a história remete a uma situação vivida por um casal, pois é visível a presença de duas pessoas, podendo ser um homem e uma mulher, dois homens, ou, duas mulheres. No entanto, a leitura que fizemos neste caso baseia-se entre uma mulher e um homem, já que é visível uma representação discursiva de dominação do contexto patriarcal.

Toda a história se passa em quatro paredes, dentro de um quarto. A única visão tida pela personagem principal é a de um “muro cinza”, visto após a janela. Porém, um dos sujeitos, sugerido como sendo o homem, *é o único que tem acesso a saída*. “Enfim através daquele vão aberto tentei tocar você: não poderia mais. Usara a saída subterrânea?” (COLLIN, 2008, p. 109). Observamos que o meio estabelecido para o homem e a mulher é o apresentado por Bourdieu (2005). Para o crítico, na concepção patriarcal existia um lugar específico para o homem e outro para a mulher. Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do público, direto, do seco, do alto, do descontínuo; atos breves, perigosos, e espetaculares: matar animais, guerra, colheita. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado úmido, do baixo, do curvo e do contínuo; trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, como o cuidado das crianças, dos animais, bem como os trabalhos exteriores, lidar com água, ervas, leite, madeira e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes (BOURDIEU, 2005, p. 41). Assim, é de se compreender o espaço destinado a cada personagem, segundo o seu gênero, dentro do conto.

De uma forma geral, o conto pode ser dividido em quatro partes, que serão analisadas separadamente. A primeira diz respeito a situação inicial, que seria a relação estanque.

O muro cinza que nascia da janela era tão impressionante e não tínhamos mesmo mais nada o que conversar, a não ser que talvez as mariposas voltassem e as danças de salão. Comíamos precariedades já envelhecidas que restaram algo sem gosto. O ruído foi feito para ser diálogo: existíamos. A forma da palavra desconhecida. Eu acreditava muito em você – me fornecia razões para as coisas (o muro, a janela); queria acreditar: você, as coisas, o muro, a janela (COLLIN, 2008, p. 107).

Logo no início, percebe-se que o casal encontra-se em um quarto, em que há poucos objetos, uma janela, do qual é visto através dela apenas um muro cinza. A mulher, pelo fato de não ter direito de sair deste local, sendo o homem o único a fazê-lo, diz que acreditava, ou queria acreditar nas razões que ele a fornecia para permanecer ali. Assim, observamos que “os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se

exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos” (WELZER-LANG, 2001). Há muito tempo estavam naquela mesma situação, pois a narradora diz que “eles comiam precariedades”, algo que já estava sem gosto. Nesta parte, pode-se inferir que a mulher está nesta situação, mas não suporta mais viver desta forma, principalmente quando diz que “o ruído foi feito para ser diálogo: existíamos”. Este “existíamos” diz respeito a posição da mulher no mundo, que vivia submissa, mas, existia.

Também é de suma importância levar em consideração que nesta primeira parte praticamente inexistem elementos vivos da natureza. Apenas objetos inanimados são destacados, como o “muro cinza” e a “janela”. É citado as mariposas, mas com um desejo de retorno. Assim, compreendemos que a primeira parte remete a um local sem vida, sem expectativa, sem objetivos.

A segunda parte inicia-se com a chuva, simbolizando o nascer, renascer, novas expectativas. É a partir da chuva que as transformações começam a aparecer, levando ao clímax do conto.

Quando começou a chuva foi divertido porque as papoulas. Os alimentos (vestígios, semifrases, incisos) acabaram. Outros contudo apareceram; brotaram daquele buraco insondável que espera quieto na pia; abundavam também no espaço fertilíssimo dos cantos. Vinham da chuva, sabíamos. O muro começou a ficar verde: musgo sobre ele. [...] Reclamando do gosto evasivo das amoras, as cuspiu. [...] Recolhendo as coisas todas para si, você começou as cantigas. Gostei daquilo e então passou a cantar muito baixo. Tive que adivinhá-las apenas. Isto lhe perturbou, acredito: construí a parede maciça entre o lado onde eu estava e o lado onde você estava. Levou as coisas e deixou para mim o muro e janela. (COLLIN, 2008, p.108)

Quando chove, o cinza desaparece - ações já cristalizadas pela dominação masculina, algo já sedimentado - e o verde ressurgem - novas visões, novos discursos, novos pensamentos feministas - culminando na vontade de mudança de comportamento. É a partir da chuva que a vida natural aparece no conto. Primeiramente surgem as papoulas, plantas papaveráceas de que se extrai o ópio. A flor papoula pode significar, no misticismo, falsa paixão, sonho, extravagância, fertilidade e ressurreição. Com o surgimento dessa planta, a personagem feminina principia sua demonstração de descontentamento com o meio e a forma que vive. Seus questionamentos aumentam, sua imaginação cria e recria, provindo de lugares inimagináveis, de formas diversas. Logo em seguida o muro cinza permeia-se de musgo verde e o muro cinza torna-se impossível de ser visualizado. Não apenas o muro cinge-se de verde, como a personagem principal.

O musgo prefere viver em lugares úmidos e de sombra. Neste contexto, podemos refletir que, até nos lugares mais rebaixados, úmidos e sem claridade, pensamentos de liberdade, ou até mesmo discursos de revide foram introduzidos. Em um contexto simbólico, a chuva traz liberdade de imaginação, arguições e direito de voz. Ou seja, é quando a chuva cai e as plantas surgem que a personagem principal começa a indicar atitude de revide contra a sua opressão.

Outro fato que culmina em mais uma expressividade de descontentamento é quando o parceiro reclama o “gosto evasivo das amoras” e as “cospe”. Neste momento, a humilhação, o desprezo e a marginalização da fruta causa um autorreconhecimento na personagem principal. “Olhei a fruta, tive pena. Dor súbita no estômago, devolvi tudo o que havia ingerido.” (Collin, 2008, p. 108).

O homem não gosta do acontecido e cria outra divisão para a mulher, isto é, dentro do quarto, ele cria uma parede para separá-lo ainda mais dela. Na separação, leva os poucos objetos para ele, a deixando somente com o muro e a janela. Segundo Climaco (2008) “os homens têm maior consciência da violência que exercem sobre as mulheres do que elas têm da que deles recebem”. Nesse sentido, percebemos que o homem tem plena consciência de suas atitudes com relação à mulher, já ela, ainda não enxerga plenamente a dominação que a cerceia.

A terceira parte é o momento da destruição da parede. A mulher realiza o inesperado, colocando em prática os desejos criados com a chuva.

A solidez da parede desmerece a música dos crisântemos, a integridade da delicadeza que pode por certo existir: o frio da parede. (...) Então decidi o imenso: comecei a desfazer a parede pouco a pouco; às vezes tombavam partes significativas. Reuni pedaços – olhava para aquilo – e o pó da parede toquei, lambi, fiz escorrer pelos dedos. Com o tempo não haveria mais lado de cá ou de lá. Enfim através daquele vão aberto tentei tocar você: não poderia mais. Usara a saída subterrânea? (COLLIN, 2008, p.109).

Nesta fase a mulher destrói a parede que a separava do homem, criando coragem para reverter toda a situação imposta a ela até o presente momento. Este percurso não foi algo simples, pois, conforme ia destruindo o muro, ou seja, desconstruindo o que haviam criado para ela, partes significativas iam se perdendo. Podemos relacionar este fato com a desconstrução da identidade feminina criada pelo sistema patriarcal. A mulher só conhecia a visão androcêntrica, e, a partir do momento que decide subverter as relações do gênero, partes importantes para ela também são perdidas neste processo, afinal, é sua identidade, mesmo que construída pelo olhar do outro – dominador -, que acreditava-se ser a certa, estava se ruindo.

Novamente aparece uma planta na narrativa, o crisântemo. A personagem principal afirma que a “solidez da parede desmerece a música dos crisântemos”. Crisântemo, planta de tradição de cultivo milenar nos países asiáticos, conhecido como “flor do ouro”, é símbolo da nobreza. Ao utiliza-las na narrativa, podemos compreender que a construção edificada de algo sólido, neste caso, a parede construída pelo homem, não é plausível, nobre, elegante, mas sim, uma implantação de um objeto, simbolicamente representando uma concepção, ideologia, pensamento pejorativo, marginalizado, desrespeitoso aos direitos humanos de igualdade. Fato interessante é que quando a mulher destrói a parede, o homem foge, não aparecendo mais na narração.

Por fim, a última fase pode ser caracterizada como a nova fase, pois seria uma nova vida da mulher depois do processo de desconstrução.

Senti uma fome nostálgica como se tivesse tido asas e inventei histórias, cenas de filme onde vi desfilarem aço do alicate, cristal do vaso e a reticência dos tapetes. Por último você. Olhei as amoras evidentes e ainda. O que aconteceu? Aconteceria? Desconhecer as palavras certas os significados se escondem dentro do cofre cujo segredo é somente o som puro. Sésamo. Festa perpétua onde os convidados calam-se à chegada do rei que jamais chega. A chuva parou. Das gotas nasceram pequenas sedas. O muro, de tão verde, se transformou em floresta. (COLLIN, 2008, p.110)

É somente na nova fase que a mulher tem a liberdade para fazer o que sempre lhe foi privada. Neste momento ela imagina, inventa, fala, escreve, etc. O seu último desejo é o homem, porque ele a privou de viver plenamente, por isso é colocado em último plano em sua vida. Ela observa a amora, que foi jogada fora no início da narrativa e percebe que ela ainda está lá. Sequelas permanecem, mas em um momento, pensamento e vivências diferentes. O passado não se pode apagar, mas novos caminhos podem ser traçados e percorridos. Também é de se levar em consideração a aparição do substantivo “rei”, demonstrando o seu poder/autoridade perante o sujeito oposto.

Uma nova fase de festas foi principiada. Esta é feita sem a presença do sujeito superior, como representação do rei, da maioria, do poder, do dominador. Mesmo assim, sem a sua representação, os convidados festam e não remetem a sua ausência. Parece que é devida a sua ausência que a festa ocorre.

O muro cinza foi tomado pelo musgo inicial do conto, que agora, de tanto musgo, se transforma em floresta. Uma das leituras a serem feitas dentro da Crítica Literária Feminista é que o discurso de dominação é sufocado, dando espaço ao discurso de minorias, neste caso, o feminista; e cada vez este novo discurso amplia-se mais e mais, dominando lugares anteriormente pertencentes aos princípios patriarcalistas.

Além disso, observamos os elementos da natureza novamente compondo o cenário narrativo, dando uma maior significação dentro da história. Primeiramente a chuva inicia-se, trazendo vida, renascimento, libertação. Também, o muro cinza, que foi sufocado pelo musgo e se transformou em uma floresta. A gradação da participação dos elementos naturais estão completamente relacionados a gradação do processo de revide e de uma nova visão feminista da personagem principal, fazendo com que compreendamos que a relação da personagem principal com a natureza concorre ao processo de desconstrução de princípios hegemônicos e de dominação.

Existem vários ruídos presentes no texto. Estes ruídos podem ser as representações dos discursos femininos presentes pelo mundo todo, remetendo a universalidade das línguas. No conto observamos isso pela representação em quatro excertos em línguas diferentes: português, francês, inglês e espanhol. Cada inserção desses “ruídos” em outras línguas representa um momento de mudança para a protagonista. O português é a língua materna, língua em que o conto é escrito. O francês, o inglês e o espanhol, pode-se dizer, vêm para representar os ruídos das vozes presentes em diversos cantos do mundo, vozes femininas que ecoam como a da protagonista, procurando por mudança. Dessa forma, estes ruídos são muito importantes para a narração, pois eles intitulam o conto.

Após nos atentarmos um pouco mais no conto analisado acima, conclui-se que o conto *Ruídos* é um protesto contra os valores e padrões vigentes, contra o autoritarismo, além da luta em defesa dos direitos femininos e de igualdade. Nesse sentido, o conto apresenta o reconhecimento/luta da personagem como ser ativo na sociedade em que está inserida. A trajetória da protagonista aponta para sua capacidade de agência, de decisão e escolha a despeito de qualquer que seja a intimidação social que se lhe apresente.

Este conto se caracteriza pela heterogeneidade e pela multiplicidade de identidades femininas. Parece tratar-se da representação do sujeito fragmentado e em crise apontado por Hall (2003) e por Bauman (2004), típico da Pós-Modernidade. Sendo assim, nega a essencialidade feminina presumida pela tradição patriarcal, equacionada no entorno de adjetivos como frágil, dócil, maternal e submissa.

A trajetória desta personagem feminina, portanto, demonstra que as concepções ideológicas que subjazem ao modo como foram construídas apontam para a revisão dos valores patriarcais, em que no lugar da mulher objetificada e/ou silenciada, afloram sujeitos livres de classificações hierarquizadas de gênero. Daí se conclui que o modo de representação da mulher no conto de Luci Collin que retoma, na medida em que atualiza, no universo ficcional, o modo de estar da mulher no realidade extraliterária. Não é utópico, portanto, que, em meio à heterogeneidade de perfis femininos que povoa o mundo contemporâneo, é mais adequado e pertinente aqueles de mulheres com direito à voz e à vez. E é esse o perfil feminino representado no texto da escritora paranaense aqui analisado.

Referências bibliográficas

BAUMAN, J. *Identidade*. Trad. Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar que dizer*. Trad. Sérgio Miceli et all. 2. Ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

CHARTIER, R. *A História Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CLIMACO, D. Das transformações da dominação masculina. *Cadernos Pagu*: Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000100024>. Acesso em: 01 set. 2010.

COLIN, L. *Vozes num divertimento*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2008.

EAGLETON, T. *Depois da teoria: Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. 2 ed. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WELZER-LANG, D. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Revista de Estudos Feministas: Florianópolis: 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 2010.

